





O
GRANDE
DEUS
PA

ARTHUR MACHEN

ORGANIZAÇÃO E PREFÁCIO DO PROFESSOR JOSÉ MANUEL LOPES



SAÍDA DE EMERGÊNCIA
Para quem quer fugir da rotina

PREFÁCIO

1. Algumas notas biográficas

Arthur Machen, cujo nome de baptismo era Arthur Llewelyn Jones (1863-1947), sendo Machen o apelido de solteira de sua mãe, é um escritor galês que atingiu o auge da sua carreira no mundo anglófono, na última década do século XIX, com a publicação de uma série de contos que poderíamos inserir no Fantástico Vitoriano. Nestes contos ou novelas, que se apresentam na maior parte das vezes como romances condensados, vários elementos se cruzam, capazes de revelarem o seu interesse pelas tradições celtas, pela colonização romana da Inglaterra e do País de Gales, bem como por uma complexa tradição de contos orais, em especial da sua região, mas de matriz profundamente europeia. De facto, a sua estreia literária data de 1881, com a publicação de *Eleusinia*, um longo poema sobre os Mistérios de Eleusis.

Já residente em Londres, Machen torna-se um conhecido tradutor para inglês de certos marcos da literatura francesa, como o *Heptameron* de Margarida de Navarra, e as famosas *Mémoires* de Casanova, a ponto de essas mesmas traduções virem a adquirir, durante largos anos, um estatuto de «traduções consagradas» não muito diferente das traduções de Baudelaire, para francês, dos contos de Edgar Allan Poe.

Todavia, foi na década de 1890, com a publicação de «O Grande Deus Pã» numa reconhecida editora londrina, que ele se tornou mais conhecido como um «escritor decadentista» e uma voz bem emblemática da sua época. Esta novela, de chocante conteúdo mórbido e sexual, em breve conheceu uma segunda edição e obteve uma grande popularidade. Efectivamente, é nesta mesma década que ele publica os outros contos/novelas que incluímos no presente volume: «A Luz mais Interior» em 1894, «A Novela da Chancela Negra» em 1885, bem como uma primeira versão do famoso «O Povo Branco», cuja presente tradução se baseia no texto revisto pelo autor, em 1904.

O alvor do século XX é-lhe marcado pela morte da sua primeira mulher, que morre de cancro em 1899, após um longo período de sofrimento. Um ano mais tarde, Machen ingressa na já lendária Ordem Hermética da Aurora Dourada, continuando a publicar outros contos que poderíamos inserir no mesmo género. O ponto de viragem dá-se talvez já durante a Primeira Guerra Mundial, em que Machen, como

jornalista a tempo inteiro, adopta uma atitude mais realista, ainda que o seu conto «O Terror», publicado em 1917, tenha elementos fantásticos. Curiosamente, trata-se do conto por detrás do filme *Os Pássaros* de Alfred Hitchcock, a ser publicado como parte de um segundo volume nesta mesma colecção.

Se bem que nos anos 20 ele tenha publicado alguns romances e uma primeira autobiografia, *Far Off Things* (1922), os gostos literários já tinham claramente mudado e o Fantástico Vitoriano já não usufruía de um mesmo público, especialmente quando a ficção inglesa começava a atingir o mais alto ponto do seu Modernismo e Virginia Woolf se tornara um modelo de escrita. Assim, por volta do final da década, as reedições das suas obras começam a rarear e Machen entra numa crise financeira da qual apenas conseguiu sair em 1943, aquando do seu octogésimo aniversário, em que um grupo de escritores amigos, entre eles T. S. Eliot, se juntou para o homenagear e proceder a uma campanha de angariação de fundos que lhe veio a permitir um final de vida confortável.

2. Traduzir Machen

Nos textos deste autor, por estranho que nos possa parecer, lemos, quase em simultâneo, não apenas uma única narrativa mas várias. É como se diante de nós se revelasse uma série de planos, nunca inteiramente transparentes mas translúcidos. Ficamos de facto presos, como leitores, a uma sucessão de ecos e cenários, regozijando-nos com todos os momentos de positivo «ruído» que todas essas interferências nos possam causar.

Lemos, em primeiro lugar, apenas um enredo, tal como este nos surge à superfície de contos específicos — verdadeiras novelas ou romances habilmente condensados —, para depois nos começarmos a aperceber de todo um historial de obsessões e fantasmas reprimidos da Época Vitoriana, em que a sexualidade engendra monstros e as experiências científicas se tornam assustadoras. Bem para lá deste segundo plano, no entanto, encontram-se as práticas «alquímicas» ainda bem presentes nestes textos dos finais do século XIX — escritos por um membro da Aurora Dourada —, formando uma terceira instância na qual, ainda que um certo significado hermético nos possa escapar enquanto leitores contemporâneos, o sentimos todavia a ressoar num outro lado de nós, não tão facilmente captável ou definível.

De facto, não é nada fácil traduzir Machen, tentando transpor o

que na forte condensação dos seus textos nos surge, não tanto a um nível explícito, mas sobretudo nas suas sucessivas reverberâncias, apelando, no que diz respeito ao sentido, para uma expansão mais participante do que aí está escrito, através da qual o leitor se torna, simultaneamente, co-narrador e cúmplice. Sem dúvida, o tradutor, também inserido neste jogo de planos e de espelhos, ir-se-á debater não apenas com a significação de palavras específicas, que a princípio lhe poderão surgir na sua óbvia materialidade, mas com frases e inúmeros segmentos que, neste caso, formam extensíssimos parágrafos, semelhantes a intrincadas «caixas misteriosas».

Com efeito, se como tradutores os tentamos visualizar, quase fantasmaticamente, existe algo que terá que ser transposto, não tanto ao nível da «letra», mas de um sentido que nunca pára de nos escapar logo que o tentamos tornar fixo. Regressamos deste modo, ou assim pensamos, à objectividade ilusória de uma dada página, numa tentativa de recuperarmos o fôlego que nela teríamos perdido, através de todos os seus múltiplos patamares. Relemos então o texto no original e na versão traduzida, que já imaginávamos revista e acabada, para verificarmos que esse mesmo texto — agora já mais nosso — é ainda e quase sempre «uma outra coisa», quer no que diz respeito ao original aparentemente imutável mas sempre múltiplo — dado que o activamos a cada leitura —, quer no que se prende com a sua tradução; isto é, com essa escrita a que já «demos uma outra voz», mas que se poderá sem dúvida melhorar a cada revisão, sem que nenhuma (tal como o produto final que por vezes nos arrancam das mãos para as tipografias) seja definitiva. Nunca o será de facto, pois tal como na Crítica Literária poderemos sempre acrescentar novas expansões, se não uma revisitada e reformulada interpretação inicial, no caso da tradução literária, as revisões sucessivas poder-nos-iam levar a tais extremos, que acabaríamos, através de um excesso de rigor, por nos depararmos com um texto traduzido que, paradoxalmente, pouco teria já que ver com o original, mas onde o mesmo continuasse a ser apaixonadamente alucinado.

Ora, o meu desejo de uma tradução objectiva, que se tenta, não obstante, afirmar como uma tentativa eufórica e utópica de fazer coincidir «as vozes» do autor com as do tradutor, pressupõe sempre, ou quase sempre, um inevitável sentido de perda, algo que nós nos vemos sempre condenados a ter que admitir.

Nenhuma tradução, porém, poderá pretender que o resultado do seu trabalho possa vir a ser recepcionado tal como na época em que o original foi escrito. Tal atitude pressuporia um agudizar de

certas tendências históricas que já se encontram inerentes a qualquer voz tradutiva. Não lemos, nem poderemos pretender ler, como se lia na Inglaterra de finais do século XIX. Iremos tentar, é certo, recorrer, sempre que tal se justifique, a certas expressões passadas, a registos de fala que, na maioria dos casos, acabam por ecoar o nosso conhecimento acerca de textos da mesma época que, tanto quanto possível, possamos inserir num contexto semelhante ou paralelo. Assim, este Machen em português, o mesmo que eu aqui «transponho», insere-se inevitavelmente na sua época, mas também, dado que passou pelas mudanças necessariamente impostas por uma tradução recente, na nossa pós-modernidade, no espaço em que se esgarçam teorias, discursos e sobretudo as tentativas (quase sempre autoritárias) de um único texto definitivo, que apenas nos traz de volta todas as já ultrapassadas certezas do Positivismo e da ciência velha.

Assim, a tradução que vos coloco nas mãos, caros leitores, ainda que enfermando de todos os defeitos inerentes a uma «filragem» de natureza interlinguística — mas beneficiando também de uma série de informadas opções pessoais inerentes a uma certa distância temporal —, será «esse outro texto» a que a nossa especulação nunca cessará de se prender: *esse em que tudo se transformasse, sem que nada, no entanto, se perdesse.*

José Manuel Lopes

O GRANDE DEUS PÁ¹

Tradução e notas de José Manuel Lopes

1. A Experiência

— Ainda bem que veio, Clarke, estou mesmo muito contente. Não tinha a certeza se iria estar disponível.

— Consegui arranjar algum tempo, durante uns dias. As coisas agora estão bastante sossegadas. Mas será que não tem quaisquer receios, Raymond? Acha que será absolutamente seguro?

Os dois homens estavam a passear calmamente num terraço, em frente da casa do Dr. Raymond. O sol ainda ia alto sobre o topo de uma montanha a oeste, mas brilhava como uma fogueira avermelhada e baça que não projectava qualquer sombra, e havia um silêncio no ar. Um doce hálito parecia emanar do grande bosque, na encosta da colina mais acima, e com ele, e uma vez por outra, ouvia-se o suave arrulhar dos pombos selvagens. Mais abaixo, no longo e maravilhoso vale, o rio serpenteava, perdendo-se para aparecer mais adiante, entre colinas solitárias, e, à medida que o sol ficava a pairar, antes de desaparecer a oeste, uma vaga bruma, pura e branca, começava a subir desde as margens. O Dr. Raymond voltou-se subitamente para o seu amigo.

— Seguro? Claro que é. Em si, a operação é perfeitamente simples, qualquer cirurgião a poderia fazer.

— E não haverá perigo em qualquer das outras fases?

— Absolutamente nenhum. Não haverá o menor perigo de natureza física, dou-lhe a minha palavra. Você é sempre um pouco retraído,

¹ Publicado pela primeira vez, na sua totalidade, em 1894.

Clarke, sempre... Mas já conhece a minha história. Devotei-me à medicina transcendental durante os últimos vinte anos. Já me chamaram curandeiro, charlatão e impostor, mas, no entanto, eu sabia que estava no bom caminho. Há cinco anos, atingi o meu objectivo e, desde então, cada dia tem sido passado a preparar-me para o que iremos fazer esta noite.

— Gostaria de acreditar que tudo o que me diz é verdade. — Clarke franziu o sobrolho para o seu amigo, com um olhar que expressava algumas dúvidas. — Tem mesmo a certeza, Raymond, de que a sua teoria não é apenas algo de fantasmagórico? Uma visão esplêndida, é certo, mas uma mera visão, apesar de tudo?...

O Dr. Raymond parou de caminhar e voltou-se bruscamente. Era um homem de meia-idade, magro e de aspecto sombrio, com a pele de um amarelado pálido. Porém, ao responder a Clarke e ao olhar para ele, podia ver-se-lhe um certo rubor nas faces.

— Olhe à sua volta, Clarke. Pode ver a montanha e colina após colina, tal como onda após onda. Pode também contemplar os bosques e os pomares, campos de milho maduro e prados que descem até aos caniçais junto ao rio. Vê-me aqui a seu lado e consegue ouvir a minha voz, mas deixe-me que lhe diga que todas estas coisas (sim, desde a estrela que começou agora a cintilar no céu, ao chão sólido sob os seus passos) não passam de sonhos e de sombras: as mesmas que escondem o mundo real dos nossos olhos. *Existe* um mundo real, mas bem para lá desta beleza e desta visão, para além desses «castelos no ar e sonhos de uma carreira», mais por detrás disso tudo, como se por detrás de um véu. Não sei se algum ser humano alguma vez o levantou, mas tenho a certeza de que eu e você, Clarke, o veremos ser levantado esta noite mesmo, diante dos nossos olhos. Poderá pensar que tudo isto não passa de uma estranheza absurda. Poderá ser algo fora do normal, mas é a verdade, e os antigos sabiam o que significava levantar o véu. Chamavam-lhe «ver o Deus Pã»...

Clarke sentiu um arrepio. A névoa branca, que começava a cobrir o rio, era gelada.

— De facto é maravilhoso — disse ele. — Estamos à beira de um mundo ainda por descobrir, Raymond, se o que me está a dizer for verdade. Suponho que o bisturi seja absolutamente necessário...

— Sim, uma pequena lesão na matéria cinzenta, é tudo; um mero reajuste de certas células; uma alteração microscópica, que poderá passar despercebida a noventa e nove de cada cem neurologistas. Não pretendo incomodá-lo, Clarke, com coisas relacionadas com a nossa profissão. Poder-lhe-ia dar toda uma quantidade de pormenores de

natureza técnica que, por mais impressionantes que lhe pudessem parecer, o deixariam tão esclarecido como agora está. Mas suponho que leu, pelos menos de passagem nas partes mais obscuras do seu ensaio, que se fizeram recentemente grandes avanços no campo da fisiologia do cérebro. Li um parágrafo, no outro dia, acerca da teoria de Digby e das descobertas de Browne Faber². Teorias e descobertas!... O nível em que elas se encontram presentemente, já eu tinha atingido há vinte anos, e não será necessário dizer-lhe que não estive parado durante os últimos quinze. Bastará que lhe diga que, há cerca de cinco anos, fiz a descoberta a que aludi, quando declarei, nessa mesma altura, que tinha alcançado os meus objectivos. Depois de anos de trabalho, após anos às apalpadelas no escuro, depois de dias e noites de desapontamento e, por vezes, de desespero, em que, uma vez por outra, eu costumava encher-me de receios e de suores frios, só de pensar que talvez houvesse outros já na mesma pista, um rebate de alegria súbita percorreu-me a alma. Depois de todo esse tempo, eu soube que a minha longa jornada se aproximava finalmente de uma conclusão. Pelo que me pareceu na altura, e ainda me parece um mero acaso, as sugestões de um casual pensamento momentâneo fizeram-me prosseguir, ao longo de linhas e percursos familiares que eu já percorrera pelo menos centenas de vezes. A grande verdade irrompeu diante de mim, e eu pude ver, desenhado com traços luminosos, todo um mundo, uma esfera desconhecida; continentes, ilhas e grandes oceanos onde nenhum navio se aventurara (tanto quanto sei), desde que o Homem levantara primeiro os olhos para ver o Sol, as estrelas do firmamento e a terra silenciosa por baixo dos seus pés. Poderá pensar que estarei a empolar este meu discurso, Clarke, mas é-me difícil comunicar-lho de uma forma mais literal. E contudo, não sei se o que lhe estou a sugerir não se poderá explicar em termos mais correntes e familiares... Por exemplo, este nosso mundo encontra-se agora poderosamente cercado por cabos e fios telegráficos, mas estes não possuem ainda a velocidade do pensamento; nem os seus brilhos repentinos do nascer ao pôr do Sol, de norte a sul, através de leitos de cheias e de lugares desertos. Suponha que um electricista dos dias de hoje se apercebe de repente de que ele e os seus amigos têm estado afinal a brincar meramente com pequenos seixos, julgando estarem a lidar com os alicerces do mundo. Imagine que esse mesmo homem pode ver o espaço infinito a revelar-se-lhe diante dessa corrente; mundos humanos a irromperem na direcção do Sol e para lá deste, para sistemas planetários ainda mais remotos; e as vozes hu-

² Cientistas ficcionais.

manas e articuladas a ecoarem por esse vazio sem rumo, que rodeia os nossos pensamentos... No que respeita às analogias, creio que esta se adequa precisamente a tudo o que pude conseguir. Poderá perceber agora um pouco melhor o que senti neste mesmo lugar, durante um fim de tarde. Era um entardecer de Verão e o vale tinha um aspecto muito semelhante ao que tem agora. Fiquei aqui, de pé, e diante de mim vi o indizível, o profundo abismo que se escancara entre dois mundos, o da matéria e o do espírito. Vislumbrei as grandes profundidades vazias a abrirem-se diante dos meus olhos, e, nesse mesmo instante, uma ponte de luz a estender-se da terra até uma margem desconhecida, ultrapassando assim esse abismo. Se quiser e puder ler o livro de Browne Faber, irá verificar que, até ao presente, os cientistas se têm visto incapazes de darem conta, ou de especificarem as funções de um certo grupo de células nervosas do cérebro. Esse grupo, se assim lhe pudermos chamar, é uma zona ainda por descobrir, um local ainda inabitado à mercê das mais imaginativas teorias. Não partilho das posições de Browne Faber nem dos especialistas, pois sei muito bem quais as funções desses centros nervosos, no grande esquema geral das coisas. Com um simples toque, poderei despertá-las; com um toque, digo eu, poderei completar a comunicação entre este mundo de sentidos e... Mas talvez possamos terminar esta frase mais tarde. Sim, o bisturi irá ser necessário, mas pense também no que ele irá efectuar. Irá derrubar, sem dúvida, o sólido muro das certezas, e talvez que pela primeira vez, desde que o Homem foi concebido, um espírito possa contemplar um mundo espiritual. Clarke, a Mary irá ver o Deus Pã!

— Mas será que ainda se lembra do que me escreveu? Pensei que fosse imprescindível que ela...

Murmurou então o resto da frase ao ouvido do médico.

— Nem por sombras, nem por sombras. Isso é um disparate, não tenha dúvidas. De facto, será melhor assim, tenho quase a certeza disso.

— Mas considere melhor a questão, Raymond. Trata-se de uma enorme responsabilidade. Algo poderá correr mal, e poderia sentir-se um homem destruído para o resto da sua vida.

— Não, não me parece. Mesmo se o pior viesse a acontecer. Como sabe, eu resgatei Mary do lixo das ruas e de uma quase morte certa por inanição, quando ela era ainda uma criança. Acredito que a sua vida me pertence e que a poderei usar como bem me aprouver. Venha, já se está a fazer tarde. É melhor irmos para dentro.

O Dr. Raymond acompanhou o seu amigo até à casa, através do vestíbulo e por uma descendente passagem mal iluminada. Retirou

uma chave do bolso e abriu uma porta pesada, convidando Clarke a entrar no seu laboratório. Este fora em tempos uma sala de bilhar, e era iluminado por uma cúpula de vidro a meio do tecto, de onde ainda se filtrava uma luz acinzentada que incidia sobre o médico, à medida que este acendia um candeeiro, com um pesado quebra-luz, para o colocar sobre uma mesa ao centro.

Clarke olhou em volta. Não havia um palmo de parede que estivesse vazio. Havia prateleiras, por todo o lado, cheias de frascos maiores e mais pequenos de todas as formas e cores, e numa parede do fundo havia uma discreta estante *Chippendale* para a qual Raymond apontou.

— Está a ver aquele pergaminho de Oswald Crollius³? Ele foi um dos primeiros a mostrar-me o caminho, embora eu creia que ele próprio nunca o tenha encontrado. Havia uma estranha frase que ele costumava dizer: «Em cada grão de trigo permanece escondida a alma de uma estrela.»

Não havia muito mobiliário nesse laboratório, apenas uma mesa de madeira ao centro, outra com um tampo de pedra a um canto, e os dois cadeirões em que Clarke e Raymond estavam sentados, para não falarmos de uma cadeira de aspecto estranho, no local mais desviado dessa divisão. Clarke olhou para ela e levantou as sobrancelhas.

— Sim, essa é a cadeira — disse Raymond. — É melhor que a coloquemos na posição apropriada. Levantou-se e deslizou-a sobre as rodas até à luz, começando a levantá-la e a baixá-la, ajeitando melhor o assento, ajustando as costas de acordo com vários ângulos, tal como o descanso para os pés. Esta parecia suficientemente confortável e Clarke passou com a mão pelo veludo verde e macio, enquanto o médico manejava ainda as alavancas.

— Bem, Clarke, esteja à vontade. Ainda tenho duas horas de trabalho à minha frente. Vi-me obrigado a deixar para o último momento alguns dos pormenores.

Raymond foi até à mesa com um tampo de pedra e Clarke, com um arrepio na espinha, viu-o debruçar-se sobre uma fileira de pequenos frascos e acender uma chama por baixo de um cadinho. O médico tinha uma lamparina que, tal como o candeeiro maior, estava protegida por um quebra-luz. Colocara-a numa pequena prateleira junto ao seu aparelho, e Clarke, que estava sentado na penumbra, olhava ao longo dessa sala, quase assustadora, fascinado pelos bizarros contrastes entre a luz intensa e a escuridão indefinida. Em breve se deu conta de

³ Referência a Oswald Crollius ou Oswald Croll, médico e alquimista alemão, discípulo de Paracelso.

um estranho odor e, logo que este se tornou mais forte, ficou surpreendido por não se ter logo lembrado de uma farmácia ou de uma sala de operações. Clarke, com todo o tempo pela frente, deu-se conta de estar a analisar essa situação e, de um modo semiconsciente, começou a pensar num dia, há já quinze anos, que ele passara a vaguear pelos bosques e pelos prados, perto da sua velha casa. Era um dia abrasador de começos de Agosto, o calor parecia esbater os contornos de todas as coisas, e tudo o que se situava mais longe se transformava numa vaga névoa. As pessoas que tinham observado os termómetros chegaram a mencionar uma temperatura fora do normal, quase de características tropicais. De súbito, esse belo dia da década de 1850 despertou a imaginação de Clarke. A sensação de uma luz estonteante, que tudo invadia, parecia apagar as sombras e a iluminação do laboratório, e ele sentiu uma vez mais o ar cálido em torno do seu rosto, esse ar de ondulações trémulas sobre o relvado, e ouviu mesmo toda uma miríade de murmúrios estivais.

— Espero que o cheiro não o esteja a incomodar, Clarke, mas creia que o mesmo não tem nada de mal. Talvez o faça sentir um pouco ensonado, é tudo.

Este ouviu distintamente essas palavras e sabia que Raymond estava a falar com ele, porém, por mais que tentasse, não conseguia libertar-se dessa letargia. Só era capaz de pensar no seu passeio solitário de há quinze anos. Era a última vez que olharia para os campos e bosques que conhecera desde criança, e agora tudo lhe surgia sob uma luz intensa, como uma imagem diante dos seus olhos. Sobretudo, inundavam-lhe as narinas os odores de Verão, o cheiro de uma mistura de flores e a fragrância dos bosques, cheios de frescas sombras, profundas num profundo verde, e atizadas pelo calor do sol. E também o cheiro da terra arável, como se este, deitado de braços estendidos e lábios sorridentes, dominasse tudo. Tais fantasias desviaram-lhe o pensamento, tal como esses campos que há tanto tempo o tinham desviado até ao bosque, ao longo de um carreiro por entre um matagal de bétulas, e onde o gorgolejar da água que jorrava da pedra calcária era como uma clara melodia nesse sonho. Então, os pensamentos começaram a esvanecer-se, na sua mente, e a misturarem-se com outras recordações. Esse carreiro entre bétulas transformou-se num caminho sob azinheiras e, aqui e ali, uma trepadeira saltava de ramo em ramo, estendendo os seus rebentos repletos de uvas roxas; e as bastas folhas verde acinzentadas de uma oliveira selvagem, contrastavam com as sombras escuras do azinho. Clarke, nas mais profundas dobras do seu sonho, estava consciente de que o caminho, que se abria diante da casa do seu pai,

conduzia a áreas campestres ainda por descobrir, e, pensava agora na estranheza de tudo isso, quando de súbito, em vez desse murmurado eco de Verão, um silêncio indefinido pareceu abater-se sobre todas as coisas e os bosques assim se silenciaram. Por um instante breve, estava aí diante de uma presença, não a dos homens ou dos animais, não a dos vivos nem a dos mortos, mas a de tudo isso misturado, como se se tratasse da forma de todas as coisas, mas já sem essa mesma forma. E, nesse momento, o sacramento que uniria corpo e alma dissolveu-se, e uma voz pareceu gritar: «Sigamos a partir de aqui», e foi quando a escuridão da escuridão, bem para lá das estrelas, lhe surgiu perpétua e absoluta.

Quando Clarke acordou sobressaltado, viu Raymond a verter umas gotas de um fluido oleoso para um frasco verde, que logo depois rolhou hermeticamente.

— Tem estado a passar pelas brasas — disse ele, — o dia deve tê-lo fatigado seriamente. Já fiz o que tinha a fazer. Vou buscar a Mary e volto dentro de dez minutos.

Clarke recostou-se melhor no cadeirão, ainda a pensar. Era como se tivesse passado de um sonho a outro. Quase esperava ver as paredes do laboratório dissolverem-se e desaparecerem, e acordar em Londres, arrepiado pelas suas próprias fantasias oníricas. Mas, por fim, a porta abriu-se e o médico voltou. Atrás dele entrava uma rapariga, com cerca de dezassete anos, toda vestida de branco. Era de tal modo bonita que Clarke já não se interrogava acerca do que o médico lhe relatara por escrito. Via-a ruborizar agora no rosto, no pescoço e nos braços, mas Raymond parecia inabalável.

— Mary — disse ele, — eis chegado o tempo. Tens toda a tua liberdade... Será que estás disposta a entregar-te nas minhas mãos?

— Sim, querido.

— Ouviu o que ela disse, Clarke? Não se esqueça de que é minha testemunha... Ora aqui está a cadeira, Mary. É tudo muito fácil. Terás apenas que te recostar. Estás pronta?

— Sim, querido, estou mesmo pronta. Dá-me um beijo antes de começares.

O médico interrompeu o que estava a fazer e beijou-a nos lábios, muito discretamente. — Fecha agora os olhos — disse ele. A rapariga baixou as pálpebras, como se estivesse cansada e apenas desejasse dormir, e Raymond aproximou-lhe o frasco verde do nariz. O rosto dela empalideceu para se tornar mais branco do que o vestido. Ainda se debateu vagamente, mas depois, com esse sentido de submissão bem inculcado em si, cruzou os braços sobre o peito, como uma criança

antes de recitar as suas orações. A luz forte do candeeiro iluminava-a por completo, e Clarke observou os pequenos movimentos que lhe perpassavam pelo rosto, semelhantes às mudanças que observamos nas colinas, quando as nuvens de Verão se atravessam diante do Sol. Depois, ficou aí muito branca e quieta, e o médico levantou-lhe uma pálpebra. Estava agora inconsciente. Raymond carregou com toda a força numa das alavancas, e a cadeira inclinou-se logo para trás. Clarke viu-o então a cortar-lhe um círculo, semelhante a uma tonsura, no couro cabeludo, e a aproximar mais o candeeiro. Raymond retirou em seguida um instrumento brilhante de uma malinha, e Clarke, com um arpejo, desviou o olhar. Quando voltou a observar o que se passava, o médico já estava a pôr ligaduras no corte que tinha feito.

— Irá despertar dentro de cinco minutos — disse Raymond, perfeitamente calmo. — Não há mais nada que possamos fazer, senão esperar...

Esses minutos passaram-se com uma arrastada lentidão e eles podiam escutar o tiquetaque dos ponteiros do relógio. Clarke sentiu-se enjoado, como se estivesse prestes a desmaiar. Sentia que os joelhos lhe falhavam, e mal se conseguia manter de pé.

De repente, enquanto olhavam para ela, ouviram um suspiro profundo e repararam que a cor que abandonara as faces da rapariga regressava de súbito, antes mesmo que os olhos dela se abrissem. Clarke sentiu-se desfalecer ao vê-los. Tinham um brilho terrível, focado numa indefinível distância, como se um grande espanto se tivesse apossado do seu rosto. E as suas mãos estenderam-se como se quisessem tocar esse invisível. Todavia, instantes depois, esse espanto esvaiu-se para dar lugar ao mais completo terror. Os músculos do seu rosto contorciam-se hediondamente e toda ela tremeu, como se a sua alma se debatesse para se libertar do seu invólucro carnal. Era uma coisa horrível de se ver, e Clarke precipitou-se na direcção dela, enquanto a via cair no chão, com um uivo.

Três dias depois, Raymond levou Clarke até à beira da cama onde Mary se encontrava. Aí estava ela deitada e bem acordada, rolando a cabeça de um para o outro lado, com um esgar vazio nos lábios.

— Sim — disse o médico, ainda com a mesma calma, — é uma pena. Neste momento não é mais do que uma doidinha sem cura. No entanto, não o teríamos podido evitar, e não se esqueça de que, apesar de tudo, ela viu o Grande Deus Pã.